



# ASSUNTOS MILITARES

Coordenador: Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

## I — "A DEFESA NACIONAL"

General F. DE PAULA CIDADE

A data em que foi fundada esta revista (1913), encontravam-se unidos no Rio de Janeiro vários oficiais que, como tenentes, haviam tido arrematados no Exército Alemão. A eles uniram-se mais alguns oficiais de pequena graduação, que, embora não tivessem feito de proveitoso estágio, se achavam animados do mesmo ardor profissional, evidenciado através de trabalhos nos corpos de tropas, de estudos e de publicações anteriormente feitas.

Alguns desses oficiais conheceram-se, examinaram-se mutuamente, e ocasião das reuniões para estudo em comum, levadas a efeito pelo General Souza Aguiar, Comandante da 11ª Região Militar, mas dirigidas pelo Major Raimundo Pinto Seidl, sob o nome de "jôgo da guerra". Esses trabalhos na carta constituíam, então, grande novidade.

A idéia da criação de uma revista de assuntos militares partiu de Estevão Leitão de Carvalho e Bertoldo Klinger. Foram eles que organizaram o "núcleo mantenedor", convidando os oficiais que deviam integrar a sociedade responsável pela publicação da revista e eleger seus editores. Assim ficou constituído seu primeiro núcleo dirigente: Bertoldo Klinger, Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis (editores), Francisco de Paula Cidade, Mário Clementino, Epaminondas de Lima e Silva, César Augusto de Parga Rodrigues, Francisco de Pinheiro, José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, Euclides de Almeida Figueiredo, Erasílio Taborda, Amaro de Azambuja Vilanova e José dos Mares Maciel da Costa".

O programa traçado foi o de uma luta pela radical transformação dos costumes, com a modernização da técnica e da tática, então em



uso entre nós. A revista devia aproximar-se tanto quanto possível em sua feitura, da famosa publicação alemã, a *Militär Wochenblatt*. E foi por isso que seu primeiro número apareceu sem capa.

Assim, a função que os acontecimentos impuseram a A DEFESA NACIONAL, na primeira fase de sua existência, foi a de difusora da técnica dos armamentos em uso na Europa e principalmente na Alemanha, em vésperas da guerra de 1914-1918, com o soerguimento da opinião militar em busca do aperfeiçoamento da instrução em todos os escalões da hierarquia. O trabalho de seus dirigentes e colaboradores foi árduo e nem sempre isento de reveses acabrunhadores.

Às vezes, o caminho seguido era realmente pouco hábil, como no caso das apreciações sobre um *reide* de infantaria, em que o redator, aliás mal aceito pela massa dos leitores, afastou-se dos aspectos técnicos para ver, num concorrente, a demonstração implícita de que os oficiais que não haviam estagiado no exército alemão eram bem menos capazes do que seus camaradas que tinham passado por essa prova, afirmativa que além de impolítica não correspondia à realidade. De qualquer modo, a A DEFESA NACIONAL, graças à aceitação que a maioria de seus membros encontrava no seio do Exército, nada sofreu com isso.

Nas páginas da então já famosa revista foram ventiladas questões técnicas, traçados programas de ação, que certos chefes inteligentes e bem intencionados aceitaram ao todo ou em parte, debateram-se métodos novos de trabalho objetivando a obtenção de maior rendimento na instrução, foram divulgados pela primeira vez entre nós os novos processos de tiro para a artilharia, alimentaram-se discussões proveltosas sobre o resultado a esperar ou já obtidos com o emprêgo deste ou daquele sistema preconizado, foram respondidas numerosas consultas que os leitores constantemente faziam sobre técnica ou tática, desenvolveu-se a propaganda em favor do serviço militar obrigatório, que finalmente um ministro chegado a A DEFESA NACIONAL, o Marechal José Caetano de Faria, hábilmente conseguiu pôr em prática, combateu-se pela implantação de nova orientação no ensino militar, etc. Não é possível resumir aqui todas as atividades cultivadas através das páginas dessa revista, nem fazer compreender o que isso representava naquela época, o que exige um conhecimento menos superficial dos costumes militares então vigentes, já que um abismo separa aqueles tempos de nossos dias. Basta considerar os fatos de os Corpos do Exército de todo o Brasil alimentarem-se do voluntariado, que trazia para as fileiras a grande maioria dos desgraçados que constituíam a classe mais pobre do país, inclusive os que assentavam praça para livrar-se da polícia e dos quais, as próprias autoridades policiais, por sua vez, queriam ver-se livres. A par de uma minoria de homens bons, por acaso alistados pela premência do desemprego, os desajustados ou se regeneravam, e neste caso se dedicavam de corpo e alma a seus superiores, ou desertavam, fugindo ao guante da disciplina de ferro a que se viam submetidos.



Nos seus embates, A DEFESA NACIONAL fêz amigos e arranjou inimigos, sendo que êsses, em certas fases, foram mais numerosos do que aquêles.

A certa altura, um artigo em que se criticava irônicamente um exame de batalhão, que devia, de acôrdo com os regulamentos em vigor, ser realizado no campo e que fôra levado a efeito no pátio interno do Ministério da Guerra, foi a gôta d'água que faria transbordar o copo.

Em seu número correspondente a 10 de dezembro de 1915, a A DEFESA NACIONAL trouxe o seguinte artigo sem assinatura, encabeçado pela citação de diversos trechos de regulamento em vigor, o qual se encerrava com um parêntesis indicador da origem dos textos citados:

"Da Coleção de letras mortas do Ministério da Guerra": "Quase sem que ninguém percebesse, foram ultimamente realizados exames de batalhão nesta cidade, no pátio do Quartel-General. A cerimônia revestiu-se de um caráter simples e tocante tão tocante que muitos se iludiram, supondo tratar-se de um rito militar em comemoração da infantaria colonial. Assis-tência nenhuma: era regra o comandante da brigada, tendo à ilharga o respectivo ajudante-de-ordens. A guarda da parte de dentro, alguns populares ociosos da parte de fora do portão, pasmam para as evoluções dos caçadores garbosos, como pasmam os simples para as coisas incompreensíveis; alguns con-tínuos do ministério, excepcionalmente matinais, olham entre atônitos e risonhos como no cinema. Os batalhões chegam mingua-dos nos seus efetivos, tão mingua-dos que os pelotões não passam de duas esquadras, algumas com filas quebradas, tôdas com os cabos incluídos nas suas fileiras; chegam, me-tem em linha, apresentam armas e rompem a descrever no terreno as épuras das evoluções; laboriosamente aprendidas no quartel, sôbre uma mesa, com auxílio de uma caixa de fôscros.

Alguns cães vadios correm folgando, contentes com a música; um burro veterano e filósofo, que fêz do Quartel-General a sua tebaida, acostumado de longa data a essas coisas, interrompe de vez em quando sua ocupação favorita, para olhar, com melancolia, lembrando as passadas glórias e os dias memo-ráveis do exercício geral. Os comandantes concertam a gar-ganta, ordenam: Batalhão, linha de colunas de companhias em linha de colunas! O espaço é pequeno para tão grandio-sas cenas e há uma grande orgia de marcar-passos. Não há um tema, um objetivo, uma hipótese, um fim nessa geome-tria descritiva da ordem-unida, mas há um grande desejo de se acabar com aquilo o mais depressa possível. Ordenanças pela sacada, em uniforme de faxina, riem gostosamente quando há um deslize ou quando descobrem nas fileiras os companhei-



ros formalizados, atentos aos altos corujeiros. Por sôbre tudo isso, na fachada interna do Ministério da Guerra, luzem irônicamente as letras douradas da divisa: "Si vis pacem, para bellum".

Prossegue ainda o articulista, pedindo que no próximo ano haja uma mudança de rumo e que os exames de batalhão não sejam tão ridículos, nem feitos a portas fechadas. Enfim, que ninguém tenha medo de errar, etc. . . .

Nesse grito de desespero da nova geração não se pode deixar de reconhecer uma honesta infração disciplinar.

Para entender hoje certas coisas dêsse artigo, é preciso recordar que à época em que saí da Escola de Guerra, de Porto Alegre, a turma de aspirantes de 1909, da qual quase a metade tomou, voluntariamente, o rumo dos Corpos, a instrução, não era continuada, e sim periódica. Num dia marcado com muita antecedência, todos os soldados de folga eram reunidos para o exercício de conjunto, chamado exercício geral, vestígio de um tempo que já se ia longe, mas cujos reflexos ainda perduravam entre nós. As ordenanças dos altos chefes, muitas vezes com família, moravam em dependências internas do Quartel-General. Começemos com um trecho inédito das "Memórias" do autor dêste estudo:

"Servia eu no 2º Regimento de Infantaria, na Vila Militar, e tinha como comandante o Coronel Eduardo Sócrates, um homem bom, culto e apreciador da ação desenvolvida pelos jovens oficiais, através das páginas da revista e nos quartéis em que serviam quase todos eles. Meu comandante mandou chamar-me e, quando cheguei à sua presença, disse-me, amavelmente: "O Senhor comandante da Região acaba de enviar-me o seguinte memorando, determinando-me que informe, depois de ouvi-lo, se o Senhor é o autor do artigo que, sob o título de "Exame de Batalhão", foi publicado pela revista A DEFESA NACIONAL. Respondi-lhe negativamente. O Coronel Sócrates perguntou-me então quem era o autor, já que pertencía eu à redação da referida revista. Respondi-lhe que a partir do mês anterior havia deixado de pertencer ao número de redatores, conforme bem se poderia verificar numa pequena notícia estampada pela própria A DEFESA. Pacientemente meu comandante abriu a gaveta de trabalho, tirou de lá um exemplar da revista, certificou-se da veracidade de minha declaração, mas insistiu: — Se o Senhor já não pertence ao número de redatores, não obstante é membro do núcleo mantenedor... E não sabe nada a tal respeito? Nada, respondi eu, aliás faltando com a verdade, pois dias antes Klingler havia me falado no assunto.

O Coronel Sócrates deve ter tido um suspiro de alívio, pois me apreciava e muito. De minha parte, seria uma indignidade denunciar camaradas meus, num caso em que isto não me era impôsto por um dever de consciência. Não faltou quem visse



no malfadado artigo o meu estilo. Talvez o próprio comandante da Região a mim se tenha referido, ao afirmar, como veremos mais adiante, que alguém, tão digno como os redatores que iam ser presos, estava escondido por detrás dêles! Para outros a autoria era de Leitão de Carvalho.

Fervilhavam comentários malignos. Como no artigo havia referência ao luar que pastava no pátio do Quartel-General — costume antiquíssimo de soltar nos pátios dos quartéis, onde a grama crescia, os animais das Unidades ali aquarteladas — houve quem pretendesse que aquilo era indireta ao comandante da Região, a quem os desafetos, e não os rapazes da A DEFESA, davam deprimentemente e injusta alcunha.

Comandava a Região Militar o General Pedro Bittencourt, disciplinador rígido e voluntarioso, mas a quem não se poderia negar amor à sua classe, vontade de acertar, boas intenções em relação aos verdadeiros valores existentes, entre os oficiais jovens. O seu principal defeito era a violência que desencadeava por dá cá aquela paísa, ao reprimir atos de indisciplina real ou mais ou menos imaginária. Surgia então o representante da velha escola, que tinha como lema o preceito de que a primeira cajadada é que mata a cobra... O autor desse arugo não pode ser suspeito ao externar juízo favorável a êsse homem duro e de pouco tato, pois também foi, mais tarde, quando se achava à frente da "Revista dos Militares", de Porto Alegre, preso por ête, por ter publicado uma apreciação técnica sobre as manobras anuais ali realizadas, castigo que a muita gente pareceu simples ajuste de velhas contas.

Na verdade, o General Pedro Bittencourt vinha de um tempo que passara sem que êle se apercebesse disso e daí o apresentar-se com um caráter moldado entre facas de ponta. Quando comandou um regimento de cavalaria aqui no Rio, os soldados o chamavam de "Pedro Porrete", tal o modo pelo qual mantinha a disciplina, com recurso ao castigo corporal. Mas, todos nós, que viemos do Exército, que reconhia em suas fileiras o bom e o mau, que fomos muitas vezes obrigados a recorrer ao mesmo meio para assegurar a própria tranquilidade pública, poderemos atirar-lhe a primeira pedra? Hoje os tempos mudaram e o soldado é geralmente outro. O preceito vale apenas para quem vive numa cidade grande na redação de um jornal, garantido pela polícia. No interior do país, num subúrbio afastado, entre homens armados e nem sempre pacíficos, outro galo canta. Basta ver que naquele tempo, em dia de soldo, dobravam-se as guardas do quartel com homens de confiança, fortes e armados com sabre Comblain, que, mesmo substituída a arma de que fazia parte, pelo fuzil Mauser, continuava em serviço, porque era muito mais comprido e mais eficaz na luta, corpo a corpo, com os desordeiros. Os americanos ainda não haviam nos en-



sinado a usar o cassetete. Fechado esse parêntesis, voltamos à marcha dos acontecimentos provocados pelo artigo de A DEFESA NACIONAL.

Ao tomar conhecimento pelo barulho provocado pelo pronunciamento da referida revista, o Ministro da Guerra mandou, "hábilmente", advertir os redatores, empregando linguagem severa, pois a seu ver o autor do artigo — "socorrendo-se do humorismo, procurou expor ao ridículo não só as autoridades, como os próprios oficiais dos batalhões", que haviam tomado parte nos exames de suas Unidades. Terminava mandando aplicar aos redatores da revista "severas censuras". Tudo ficaria por aí, se o comandante da Região se conformasse com isso, mas não se conformou. Enviou um ofício ao general a que estavam diretamente subordinados os redatores, para que estes declarassem quem era o autor do artigo, mas os três oficiais assumiram, eles mesmos, a responsabilidade de tudo. Três dias depois do caso achar-se resolvido pelo Ministro, seu superior, o comandante da Região prendeu os oficiais, num verdadeiro desafio a seu chefe hierárquico: "Em resposta a meu ofício..... acaba o Senhor General Comandante da 3ª Brigada de Artilharia de enviar-me as declarações feitas pelo Capitão Epaminondas de Lima e Silva e primeiros-tenentes Bertoldo Klinger e José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, responsabilizando-se pelo artigo publicado no último número da revista militar a A DEFESA NACIONAL, sob o título "Exame de Batalhão", como redatores que são da aludida revista. Já alguns jornais desta capital, em notícia que não foi contestada, tornaram pública declaração idêntica e acrescentaram que os redatores responsáveis, como solidários que eram, não divulgariam o nome do autor do artigo.

Na classe militar, uma tal manifestação de solidariedade e de tão afrontosa declaração de co-participação coletiva na responsabilidade, partindo de oficiais, constitui, só por si, ato de mais alta indisciplina e de maior insubordinação, do que o cometido pelo autor do artigo que em deprimente posição ora é acasalado por tão dignos companheiros.

É bastante lamentável que justamente na ocasião em que intelectuais de nossa pátria e os mais ardorosos patriotas de todas as classes se congregam na comunhão de esforços pelo levantamento das forças armadas, apresentando-as aos nossos concidadãos, não como um amontoado de indivíduos de farda, sopiados de desejos e ambições, afastados do convívio da nação, mas sim amantíssimos filhos que, agarrados à bandeira, procuram colaborar para o engrandecimento da pátria comum, demonstrando corresponder, assim, aos sacrifícios da nação, nunca regateados, tal manifestação coletiva tenha ocorrido".

Antes de prosseguir, comentemos este trecho, cujas tiradas literárias bem mostram que não saiu ele (não devia normalmente sair) da pena



do general. Transparece nêle o despeito de algum auxiliar e o pavor que a vida arregimentada trazia, então a numeroso grupo de oficiais, que faziam mais ou menos tôda a sua carreira sem entrar num quartel, contra o que A DEFESA sempre se bateu. Não correspondia à realidade a afirmativa de que "intelectuais de nossa pátria" se encontrassem congregados "pelo levantamento das fôrças armadas". O próprio Olavo Bilac entra em cena bem mais tarde. O que havia em tudo isso, era que alguns oficiais do Exército, com boas relações na imprensa do Rio de Janeiro, publicavam, sob anonimato, pequenos artigos e "sultos" a favor do serviço militar obrigatório, do reaparelhamento das fôrças armadas, etc. Também, classificando o delito dos oficiais como insubordinação, o general devia encaminhá-los aos tribunais, porque um crime não pode ser punido disciplinarmente.

Continuemos a transcrição:

"A DEFESA NACIONAL, revista de militares, não tem, todavia, justificado tão sugestivo título, nem tampouco correspondido à expectativa dos que a auxiliam, porque as discussões mais inconvenientes nela têm tido início, como ainda pouco se viu e vão terminar na imprensa diária, com grave prejuízo para a disciplina militar.

Não satisfeitos com tão estéreis discussões e dissensões, entre camaradas, acharam propício o momento de iniciarem a campanha dos insultos soezes, das críticas petulantês e filiauciosas e das ironias vis, até contra as mais altas patentes do Exército, a propósito da instrução e da administração."

Veremos mais adiante que esta nota exprime, apenas, a vontade de altratar o principal orientador da revista, pois a A DEFESA NACIONAL emudecida pelo regulamento disciplinar, vai, sôbre o pretexto de despedida, publicar documentos excepcionalmente valiosos, que infirmam as proposições da catilinária.

E continuava a nota de culpa:

"E, como não seja admissível que fatos tão agressivos fiquem impunes e na impossibilidade de aplicar rigoroso castigo ao autor do insólito artigo, determino que sejam os oficiais que se declaram responsáveis, presos por 25 dias, sendo o Capitão Lima e Silva na Fortaleza de São João, o 1º Tenente Bertoldo Klinger no 1º Grupo de Obuses e o 1º Tenente Pompeu Cavalcanti no 3º Regimento de Infantaria".

E agora o fêcho:

"Com a maior segurança afirmo a meus comandados que empenho os melhores esforços para manter com tôda a amplitude a disciplina e a justiça, próprias à dignidade do cargo que occupo e positivamente não sacrificarei o culto dessas virtudes militares às atrações da popularidade."



O ministro da guerra não quis agravar o dissídio, que já existia entre êle e o seu camarada comandante da Região, criando mais um "caso" e por isso recuou, mandando tornar sem efeito seu aviso em que mandava repreender os redatores de A DEFESA NACIONAL. Para justificar seu ato afirma que ignorava que os oficiais em questão pertencessem à unidade subordinada ao comando da Região (o que é absurdo), mas que agora melhor informado julgava o caso encerrado com a prisão que lhes tinha sido imposta.

O número da revista do mês seguinte transcreveu êsse documentário, encabeçando-o com meia dúzia de palavras, em que afirmava que a publicação fôra baseada em "notas absolutamente fidedignas e impressões colhidas por alguns oficiais examinandos". A essa altura, embora não tivessem sido ainda inventadas as delegações de imprensa junto aos altos comandos, criações brasileiras, destinadas a divulgar os atos dos chefes militares, os jornais se haviam enchido com a transcrição da inusitada literatura correccional. Nova tormenta.

Lima e Silva já havia deixado a redação, entrando em seu lugar o 2º Tenente Maciel Costa. O afastamento de Lima e Silva, transferido para a guarnição rio-grandense, nada teve com o caso de A DEFESA.

Ao tomar conhecimento da transcrição feita pela revista de seu "boletim" e dos avisos ministeriais, o comandante da Região prendeu por mais 30 dias, como reincidentes os 1ºs Tenentes Klinger e Pompeu Cavalcanti, que na mesma ocasião foram transferidos para a guarnição do Rio Grande do Sul. Maciel Costa foi prêso por 25 dias. A famosa revista, navegava entre escolhos, mas a elegância de atitudes de seus redatores, que sabendo ao que se expunham, não revelaram a autoria do artigo, despertou simpatias até nas rodas de seus adversários. Pouco mais tarde, num ajuste de contas, entre os dois altos chefes militares desentendidos por vários motivos, o ministro e o comandante da Região, êste foi, por sua vez transferido para o Rio Grande do Sul, onde faleceu.

A partida de Klinger para o Sul, a redação de A DEFESA NACIONAL, então em exercício, responde indiretamente às arremetidas contra o valor intelectual de seu ex-redator-chefe. Para a nova redação da revista, composta de Brasília Taborda, Maciel da Costa e Euclides de Figueiredo, implicitamente Klinger não seria o João-Ninguém que transparecia nos itens do Boletim regional, o petulante e filaucioso. Era o antigo estudante número um, em nossas escolas militares, o oficial de pequena graduação que na Alemanha elevava bem alto o conceito das forças armadas brasileiras. Do longo *curriculum vitae* do homenageado, resalta inicialmente a sua vitoriosa passagem pela Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo, onde recebeu o prêmio escolar destinado ao aluno que obtivesse distinção em tôdas as matérias do difficil curso preparatório que ali se ministrava. Passando ao curso superior (Escola Militar do Brasil) não é menor o seu sucesso. Em todos os seus exames finais obtêm as notas máximas, exceto num dêles em que foi aprovado com grau nove. Recusa, então, as comodidades das boas comissões e até o professorado e rumo para o regimento, depois de curta prática obriga-



tória numa comissão de engenharia, na estrada de rodagem de Guaruva (Paraná). Onde estava o petulante, o simplesmente presunçoso? Passa em seguida a tratar da sua atuação no sentido de abrir novos horizontes à nossa artilharia. Foi pouco depois mandado estagiar no exército alemão de acôrdo com as praxes daquele tempo. "De seu aproveitamento nessa honrosa missão, o ministro da guerra teve sempre as melhores informações e, sem pretendermos diminuir o valor de outros juízos emitidos a seu respeito, informa a A DEFESA, transcrevemos a seguir o que foi divulgado no Boletim do Exército n. 326, de 15 de janeiro de 1914:

"1º Tenente Bertoldo Klinger — Nesse Regimento de Artilharia n. 24, estacionado em Gustrow (Alemanha), trabalhou eficazmente, desde 1 de outubro de 1910 a 30 de setembro de 1912, para aperfeiçoamento de sua instrução militar. Dedicou-se, invariavelmente, às questões da sua e das outras armas, auxiliado por excelentes qualidades de concepção, de julgamento exato e claro em relação à Artilharia e à Tática, adquirindo bons conhecimentos. De todos os serviços — evoluções, tiro e serviço em campanha — demonstrou aproveitamento. Conhece perfeitamente as disposições e as prescrições do regulamento para as manobras de sua arma, para o tiro, equitação e serviço em campanha. Possui boas qualidades de observador para o serviço de sua arma. Sabe julgar as questões táticas nas soluções de temas do "jogo da guerra", viagens de instrução e conhece a linguagem militar empregadas nas ordens. Conduz-se sempre no serviço com muita calma, segurança e precisão, agindo refletida e resolutamente. Sua conduta civil e militar é irrepreensível, tendo sabido conquistar o respeito e consideração de todos os seus superiores hierárquicos e camaradas. É excelente soldado, apto a servir junto aos comandos superiores. (Assinado) Merling — Coronel Comandante do Regimento. De inteiro acôrdo com o parecer acima (assinado) Barão Von Gillern, General Comandante da Brigada. De acôrdo. (Assinado) Von Nicksck, General Comandante da Divisão".

"Mas não foi apenas dêsse modo que o competente oficial honrou nosso Exército no estrangeiro e deu, ao meio militar mais exigente do velho mundo, uma elevada demonstração de sua cultura. A *Militär Wochenblatt*, a mais importante revista militar da Alemanha, que conta um século de existência e na qual colaboram os principais pensadores militares do país, publicou no seu número de 10 de janeiro de 1911, um artigo da lavra de nosso querido compatriota, sob a epígrafe *Am Richtkreis*. Nesse artigo, o 1º Tenente Klinger dava uma demonstração trigonométrica de como o círculo de pontaria da artilharia alemã permitia determinar a distância, entre dois pontos e reduzir a distância entre duas estações para o cálculo da paralaxe, sem os inconvenientes do método que encontrou em uso naquele regimento. Ainda como prova do alto apreço em que as autoridades alemãs, sob cujas vistas servia, tinham o



seu caráter e sua aptidão profissional, foi designado em 1911 para tomar parte na viagem de estado-maior do IX Corpo de Exército, onde são admitidos, com raríssimas exceções, oficiais subalternos e talvez num caso único como o seu, um oficial de nação estrangeira".

Continua a nova redação de A DEFESA NACIONAL enumerando os grandes serviços, de ordem intelectual, que Klinger prestou ao nosso Exército, após seu regresso da Alemanha: conferências, traduções, criação de clubes de equitação, co-participação na feitura de vários regulamentos técnicos, artigos para as revistas militares, etc.

Murmurou-se na guarnição do Rio, que o aparecimento desse artigo, que se contrapunha, discretamente, às afirmativas do comandante da Região, iria desencadear novas séries de prisões, mas tal não se verificou. O General refletira melhor e voltara à calma, talvez com muito pesar de algum dedo oculto, que tivera grande influência no caso. E o artigo que deu lugar a tudo isso? Por quem foi escrito? Essas coisas constituíram, por muitos anos, um mistério. Apenas os integrantes do "núcleo mantenedor" o sabiam, mas não lhes competia revelar. Na verdade, o Tenente Maciel da Costa, o mesmo intelectual que traduzira as "Cartas de Griepenkerl", tomou parte no exame do artigo 52º Batalhão de Caçadores, aquartelado na rua do Areal, hoje Moncorvo Filho, no mesmo local em que agora se ergue o edifício da Policlínica do Exército. Revoltado contra a comédia de que participara, escreveu a parte irônica que constitui o corpo do artigo. Entregou-a a Klinger para ser publicada na A DEFESA. O material foi julgado ótimo, mas com a falta de qualquer coisa. Klinger acrescentou o que a seu ver faltava. Preste-se atenção ao fato de que o estilo da primeira parte não é o mesmo do da segunda. Percebem-se os adendos. E por que o autor não se apresentou para o castigo, exonerando seus camaradas redatores de toda a responsabilidade? Maciel, ao tomar conhecimento do ocorrido, apressou-se em procurar seus companheiros, para arcar com as conseqüências. Foi impedido de fazê-lo pelos que haviam assumido a responsabilidade, que julgaram sacrifício inútil, porque com êle apenas se aumentaria mais um no número dos oficiais presos.

Essa fase passou. As idéias pregadas pela A DEFESA NACIONAL triunfaram em toda a linha, porque eram judiciosas e honestas. Seus redatores e colaboradores, os propagandistas destas idéias, guardaram para si, apenas, as cinzas do campo de batalha, as cinzas que o vento leva... Se a maioria deles atingiu o generalato não foi por êsses serviços e sim por ter continuado a trabalhar sem desfalecimento e com as mais puras intenções.

Uma das mais importantes campanhas, levadas a efeito pe'la A DEFESA, foi a do contrato de uma missão estrangeira, para modernizar nossa técnica operativa, dando ao nosso Exército uma feição nova. De não menor importância foi a do serviço militar obrigatório. Só a efetivação dessas duas providências, de tão difícil aceitação pelas nossas elites, valeria por um grande programa vitorioso, se não tivesse essa revista outros títulos de glória.



Com a chegada ao Brasil da Missão Militar Francesa, trazendo-nos uma doutrina diferente da alemã, porém, não tão diferente como se afigura a muita gente, a A DEFESA adaptou-se à nova ordem de coisas e tornou-se um porta-voz autorizado de nossa Escola de Estado-Maior centro de onde se irradiavam, a partir daí, os ensinamentos básicos de nossa Doutrina de Guerra. Durante uns vinte anos nela encontram os estudiosos, militares de todos os recantos do Brasil, os recursos que lhes permitiriam acompanhar com proveito os progressos da arte da guerra.

Com a entrada do mundo em ebulição e com a inevitável participação de nosso país no jogo das alianças, que caracterizam a política internacional de nossos dias, adotamos, por motivos fáceis de compreender, os modelos norte-americanos. Sem a menor dificuldade a velha A DEFESA NACIONAL assumiu novas responsabilidades e continuou o seu papel histórico, de semeadora das doutrinas de nosso Estado-Maior, com a ressalva de que na sua primeira fase, isso não era possível, porque o Estado-Maior então não tinha, ainda, qualquer doutrina.

No dia em que triunfarem, no campo da História Militar, os princípios que tecnicamente norteiam a atividade do historiador, as coleções de A DEFESA NACIONAL serão procuradas e consideradas valiosíssimas por quem queira escrever sobre a vida militar brasileira deste século.



## IMPORTADORA OMAR ZIMMERMANN & CIA. LTDA.

armas, munições  
artigos para caça, pesca,  
praia e campo  
cutelaria, ferragens  
consertos  
niquelação, oxidação





## II — NOVA FÓRÇA NA AMÉRICA LATINA

Condensado pelo Ten-Cel CARLOS EVARISTO

Os chineses estão se tornando uma força na América Latina. No que parece ser uma divisão com o beneplácito dos russos, eles estão se empenhando na reforma agrária e em outros problemas essencialmente rurais.

Os russos estão mais empenhados na infiltração em níveis mais elevados do governo, da indústria e do trabalho. A principal arma de Pequim é o estabelecimento de um paralelo entre as atuais condições de subdesenvolvimento da América Latina e o seu próprio.

Alega a China que os seus métodos — coletivização das terras e industrialização comunal — são mais adequados à América Latina do que os das "potências imperialistas".

Para auxiliar a difusão dessa idéia, a China aumentou o número de horas de irradiações semanais em língua espanhola para a América Latina, passando de 10 a 20 horas. A "News Agency", da Nova China, abriu um escritório em Havana. Os chineses estão explorando a arma favorita de propaganda comunista — as viagens com despesas pagas — a um alto grau. Cerca de 355 latino-americanos visitaram Pequim em 1959.

Os partidos comunistas locais, na América Latina, começaram a atender a essas manifestações em virtude do surgimento da China como potência mundial e da sua grande influência sobre a teoria geral do comunismo. São mais atraídos pela China do que pela Rússia, por sentirem que esta, atualmente, se encontra muito afastada dos princípios básicos da revolução. Inicialmente, o Partido Comunista Brasileiro, depois o Guatemalteco, o Mexicano e o Panamenho, remodelaram suas diretrizes de conformidade com as linhas estabelecidas por Mao Tse Tung:

1. o objetivo imediato deve ser o ataque aos americanos, em lugar de qualquer outro "imperialismo" estrangeiro;
2. somente as grandes propriedades devem ser desapropriadas; os pequenos fazendeiros devem ser vencidos pela persuasão;



3. somente as propriedades de capitalistas vinculados aos EUA devem ser tomadas;
4. deve ser estabelecida uma frente popular, constituída por intelectuais, trabalhadores e burgueses e liderada pelos comunistas.

Tanto quanto o da URSS, o principal objetivo da China na América Latina é Cuba, considerada de valor inestimável como centro de disseminação da propaganda e como local de reunião de conferências de inspiração comunista, onde os latino-americanos podem discutir, como levar a cabo suas "revoluções nacionalistas".

## SENHORES ASSINANTES

### 47º ANIVERSÁRIO

- ⊗ A nossa Revista completa, êste mês, 47 anos a serviço das FÔRÇAS ARMADAS!
- ⊗ Ela é a melhor e a mais barata no gênero!
- ⊗ Por Cr\$ 20,00 mensais adquire-se cultura profissional e geral, através de nossa boa leitura e fica-se a par do que se passa nas principais FÔRÇAS ARMADAS do mundo!
- ⊗ Cada número é uma seleção de artigos escolhidos!
- ⊗ Contribuam, pois, Senhores, para um dupla finalidade:
  - aumentar a própria cultura e
  - sustentar uma instituição que trabalha para os camaradas e pelo BRASIL!
- ⊗ Esta é a ocasião: comemorem o nosso aniversário, fazendo-se assinante de,

"A DEFESA NACIONAL"